

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

**54º CONUNE: A Crise Existencial da União Nacional dos
Estudantes**

**Lucas César Ramos Pereira
Marcos Vinícius Santos Costa**

**Bauru
2015**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO**

**Lucas César Ramos Pereira
Marcos Vinícius Santos Costa**

**54º CONUNE: A Crise Existencial da União Nacional dos
Estudantes**

Projeto Experimental apresentado pelos alunos Lucas César Ramos Pereira e Marcos Vinícius Santos Costa ao Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação acadêmica do Professor Livre Docente Maximiliano Martin Vicente, atendendo à Resolução 002/84 do Conselho Federal de Educação para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Banca Examinadora:

Prof. Livre Docente Maximiliano Martin Vicente
(Orientador)

Departamento de Ciências Humanas da FAAC

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Departamento de Comunicação Social da FAAC

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha

Departamento de Comunicação Social da FAAC

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – TEMA E RELEVÂNCIA SOCIAL
2. INTENÇÕES – COBRIR DEVIDAMENTE O MOVIMENTO ESTUDANTIL
3. PRODUTO JORNALÍSTICO
 - 3.1. Gênero: Uma Grande Reportagem
 - 3.2. Relativa Liberdade de Texto
 - 3.3. Jornalismo Especializado – Política
 - 3.4. A Diagramação
4. DESENVOLVIMENTO, APURAÇÃO E ENTREVISTAS
5. A REPORTAGEM FOTOGRÁFICA
6. GLOSSÁRIO DE SIGLAS
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
8. SITOGRAFIA
9. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO – TEMA E RELEVÂNCIA SOCIAL

O Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes (CONUNE) é um evento que reúne milhares de estudantes de todo o Brasil, de dois em dois anos. Entretanto, é parca a divulgação e a cobertura jornalística de todas as suas edições passadas. O projeto em questão foi norteado pelo objetivo de, por meio de uma grande reportagem impressa de revista, cobrir integralmente a 54ª edição do evento, que aconteceu de 3 a 7 de Junho de 2015, em Goiânia. Essa reportagem poderá oferecer à população e aos leitores da revista informações completas e detalhadas sobre esse evento que faz parte da história da maior instituição estudantil brasileira, a UNE. Além do foco no congresso, a reportagem também aborda pautas mais frias, como a história da entidade, a cobertura histórica do movimento estudantil pela mídia e a memória do mesmo.

A ideia do projeto surge de um produto jornalístico (Anexo I) feito anteriormente por um dos autores, no ano de 2011. No 52º CONUNE, que também aconteceu em Goiânia, o aluno em questão e 2 parceiros, também do curso de Jornalismo da UNESP, elaboraram um produto jornalístico impresso sobre as correntes que participavam do congresso, para ser publicado pelo Centro Acadêmico de Comunicação Social da UNESP, o CACOFF (Centro Acadêmico de Comunicação Florestan Fernandes). A partir da experiência já adquirida, em um congresso de mesma natureza e na mesma cidade, enveredamos na intenção de produzir uma cobertura mais completa envolvendo a União Nacional dos Estudantes e, agora, o 54º Congresso Nacional da mesma.

O Movimento Estudantil brasileiro surgiu no início do século XX. Já no ano de 1937, um grupo de estudantes se reúne e dá luz à União Nacional Dos Estudantes (UNE), que viria a se tornar a maior e mais representativa instituição da classe no Brasil. Sua trajetória se confunde com a história nacional. Seu primeiro passo como instituição oficial foi durante o governo Getúlio Vargas, presidente que legalizou e regularizou a instituição. A partir daí, a UNE trilha um caminho de relevância para os rumos da política nacional, principalmente após 1956:

Assume-se como ponto de partida que em 1956 teve início uma fase distinta da história da UNE. Refletindo uma politização maior do movimento estudantil, já possível de ser percebida durante o governo de Juscelino Kubitschek, e com uma atuação mais intensa nos acontecimentos da vida nacional, a entidade dos estudantes universitários brasileiros conseguiu, pouco a pouco, abalar o controle que o Ministério da Educação e Cultura exercia sobre ela. A liderança desempenhada pela UNE no período 1956-1960, de modo geral deu-se através da mobilização dos estudantes contra, por exemplo, o aumento de preços e na defesa de alguns princípios de uma plataforma de orientação nacionalista que incluía um posicionamento adverso às empresas estrangeiras e aos acordos militares do Brasil com os Estados Unidos. (SANFELICE, 1986, P. 17)

A entidade, já na década seguinte à sua formação, exerce papel fundamental no cenário político brasileiro, durante a 2ª Guerra Mundial. Estudantes brasileiros ligados à instituição se opuseram fortemente às ideologias propagadas e defendidas pelo eixo nazi-fascista. Alguns anos depois, a UNE se posicionou contra os militares diante do golpe de 1964, quando teve a sua sede incendiada, num ato claro de repressão ao movimento estudantil que vinha ganhando força no Brasil. Perseguições e torturas a estudantes foram rotina durante os anos de chumbo no país. A UNE foi reprimida e colocada na legalidade através da Lei Suplicy de Lacerda, que reprimia o movimento estudantil. Foi emblemático o Congresso Nacional de Ibiúna, que em 1968 foi totalmente deflagrado e desarticulado pelos agentes da ditadura militar. Essa repressão voraz tentava calar a voz de milhares de estudantes, que continuavam tentando dar gás à sua militância.

[...] a Lei Suplicy de Lacerda apresentou o mérito de aglutinar, na luta pela sua revogação, o movimento estudantil, que atravessava, naturalmente, uma fase de reorganização, como consequência da perseguição aos seus líderes (os membros da Diretoria que se encontravam à frente da UNE, sob a presidência de José Serra, em 1º de abril de 1964, estavam no exílio, na prisão ou desaparecidos). As manobras e declarações do Ministro da Educação apressaram, na verdade, essa reorganização, porque, revolvendo as cinzas do movimento estudantil, fizeram ressurgir as chamadas da rebelião.

[...] O repúdio estudantil à Lei Suplicy, apesar do caráter de unanimidade de que se revestiu, não seria, entretanto, levado em conta. O Brasil não vivia

sob um governo que respeitasse as vontades coletivas. (POERNER, 1979, P. 231)

Com o fim da ditadura, o movimento estudantil voltou às ruas para defender suas bandeiras históricas e a consolidação da democracia no país. No ano de 1984, a UNE participou ativamente da Campanha das “Diretas Já”, com manifestações e intervenções importantes nos principais comícios populares daquele período. Em 1992 mostrou mais uma vez a sua relevância, tomando frente nas manifestações que culminaram no impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo. Dado esse panorama histórico, é de suma importância fornecer a devida cobertura ao movimento estudantil brasileiro à UNE e aos seus congressos nacionais, e essa é a intenção desse projeto jornalístico.

2. INTENÇÕES: COBRIR DEVIDAMENTE O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Desde as “Diretas Já”, a União Nacional dos Estudantes continua crescendo. Os congressos nacionais, que são realizados de 2 em 2 anos, reúnem uma média de 10 mil estudantes, segundo a própria organização. Analogamente, as bienais culturais nacionais da UNE são eventos periódicos que reúnem alunos do Brasil inteiro. Surgidas em 1999, as Bienais são tidas como os maiores festivais estudantis da América Latina.

Desde que são realizados, os congressos nacionais da UNE, além de abrigarem as eleições para diretoria da entidade, já pautaram e discutiram temas de incalculável importância para o país e o movimento estudantil. O 54º CONUNE é o primeiro Congresso realizado após as manifestações de Junho de 2013, portanto carregado de significado histórico para o movimento estudantil, além de estar situado no meio de um ano atribulado para a política nacional. A Proposta de Emenda Constitucional para a Redução da Maioridade Penal, o Projeto de Lei da Terceirização e o massacre contra os professores no Paraná são apenas alguns dos exemplos de acontecimentos políticos históricos que fazem desse CONUNE de 2015, cujo tema central foi “Defesa da democracia, dos estudantes e do Brasil”, um espaço de debate intenso. É com esse espírito que os estudantes se dirigiram a Goiânia no feriado de Corpus Christi (3 a 7 de junho) deste ano, conforme registrado no site da UNE:

Em março de 2015, a UNE se juntou a outras entidades como o MST, a CUT e a CTB, promovendo uma série de manifestações em todo país para defender a democracia, a reforma política, além de protestar contra os interesses de privatização da Petrobras. O posicionamento da UNE acontece em um momento de ascensão do conservadorismo e de expressões golpistas a favor, inclusive, da volta da ditadura militar no país. Os estudantes temem, também, os retrocessos do Congresso Nacional em temas como a redução da maioria penal e a reforma política antidemocrática – beneficiando o personalismo na política, a corrupção e a influência do poder econômico no sistema político brasileiro. (UNE, 2015)

Trata-se de um evento de grandes proporções e que conta com a presença de milhares de estudantes de todo o país. Dado esse contexto e a quantidade de informação política que no evento é produzida, o projeto pretende levar ao público uma cobertura que faça jus a essa importância. Uma grande reportagem de revista tem plenas condições de oferecer uma cobertura jornalística completa e dotada de diversas angulações sobre o tema, dando ao leitor informações históricas e factuais.

Além disso, os autores percebem que os eventos da UNE não são tema das agendas da mídia hegemônica. Quando a instituição aparece nos grandes meios, não é dada a devida profundidade e significado do tema, ou, mais frequentemente, a militância estudantil é depreciada e reduzida a simples baderna. Conforme registramos na reportagem, a única menção da grande mídia televisiva goiana ao 54º CONUNE foi em um quadro de reclamação de moradores em relação ao barulho que os estudantes faziam na cidade, no jornal diário da TV Anhanguera (filial da TV Globo em Goiás). Isso parece inadequado, dada a relevância da ação dos estudantes no cenário nacional, em diversas áreas. O movimento estudantil é uma face política de extrema importância para a política nacional, e se constitui em um movimento político de grande amplitude.

[...] nenhuma organização, sindical ou de outro tipo, teve como resultado, nos meios urbanos, essa politização de todos os aspectos e de todas as atividades que o movimento estudantil conheceu. [...] Na verdade, o campo de ação dos sindicatos tendia a ser cuidadosamente delimitado. [...] O movimento estudantil define suas orientações em função da problemática do desenvolvimento da sociedade e reclama sua parte no controle do desenvolvimento social, mas o faz em nome da classe operária, do campesinato, das populações urbanas em geral [...] (ALBUQUERQUE, 1977, P. 73, 76)

O projeto vai de encontro a essa postura negligente da mídia e eleva os eventos da UNE ao patamar merecido. Em síntese, os objetivos dos autores são documentar o 54º Congresso Nacional da UNE, a história da instituição e suas nuances de uma maneira crítica, através de uma grande reportagem impressa de revista, democratizando as informações sobre o movimento estudantil no Brasil e contribuindo para as discussões sobre o mesmo, praticando conceitos e técnicas de apuração e documentação jornalísticas aprendidos durante a graduação em Jornalismo. Democratizando as informações sobre a política do movimento

estudantil, os jornalistas são capazes de contribuir para um país melhor e com menos desigualdade social.

3. PRODUTO JORNALÍSTICO

3.1 Gênero: Uma Grande Reportagem

“A grande reportagem não está morrendo”. Adriana Carranca, repórter especial do *Estado de S. Paulo*, fez questão de enaltecer o gênero sobre o qual ministrou uma oficina no dia 24 de agosto de 2013, realizada pelo *Portal Imprensa* em São Paulo (verificar sitiografia). Segundo a repórter, que participou ativamente da cobertura das guerras do Afeganistão e do Paquistão, a grande reportagem tem a vantagem de fazer do repórter um contador de histórias. “Jornalista de reportagem especial é um contador de história. Ele vai até ela, vive, presencia e depois escreve”. A grande reportagem é um gênero jornalístico diferenciado, pois exige muita apuração, olhar diferenciado sobre o tema, horas de dedicação e resulta em um produto de muitos milhares de caracteres.

Esse gênero jornalístico está, em tese, acuado, pois, com o advento da Internet e do jornalismo digital, a leitura de grandes textos, completos e extensos, ficou prejudicada. O imediatismo das notícias online fazem os jornais e revistas impressos tentarem enveredar pelo mesmo caminho, perdendo atenção na apuração e prejudicando a credibilidade das reportagens. Na mesa “Grande Reportagem: Momentos Decisivos” da 22ª Semana de Jornalismo da Faculdade Casper Líbero, Audálio Dantas, ex-repórter da extinta e icônica Revista Realidade, lamentou a queda no número de grandes reportagens presentes nas revistas e nos jornais atuais (verificar Sitiografia).

Domingos Fraga Filho, professor da *Casper Líbero*, ponderou na mesma mesa que “a função do jornalista é a investigação, por isso um investimento em grandes reportagens é essencial para surpreender, impactar e informar - três coisas que estão sendo deixadas de lado na busca pela rapidez e economia de tempo e dinheiro”. Alexandre Versignasse, editor da *SuperInteressante* formado pela *Casper Líbero*, deixou as lamentações de lado e citou um exemplo de grande reportagem da revista em que trabalha, produto que, publicado no *Facebook*, obteve 120 mil likes e 500 mil visualizações, provando que um conteúdo bem feito pode atrair muitos leitores.

A escolha desse projeto pelo gênero da grande reportagem é uma opção que pretende resgatá-lo e salvá-lo desse suposto ostracismo. A grande reportagem “54º CONUNE: A crise existencial da União Nacional dos Estudantes” é feita para ser publicada em revistas de orientação esquerdista, a exemplo da revista Caros Amigos, e se inspira nas grandes reportagens do jornalismo das décadas de 70 e 80, como as da Revista Realidade. Os autores acreditam que, resgatando esse gênero, contribuem para a credibilidade e importância da apuração no jornalismo, que se tornam prejudicados com o jornalismo online. Com esse tipo de texto, os jornalistas são capazes de realizar um relato completo e bem apurado sobre o 54º Congresso Nacional da UNE.

Realizar uma grande reportagem é documentar os fatos com uma profundidade que é característica desse tipo de cobertura. O termo grande reportagem não está necessariamente ligado ao tamanho do texto, mas à sua apuração e dedicação na pesquisa jornalística. Para um evento do porte e da relevância do CONUNE, é oportuno que se dedique grandes esforços à sua cobertura e à apuração de informações não factuais sobre a União Nacional dos Estudantes. A grande reportagem do projeto em questão traz essa profundidade, apoiando essa escolha na definição de Ricardo Kotscho (2007):

(...) pode parecer pretensioso, mas é assim que, nas redações, se fala das matérias mais extensas, que procuram explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos. Elas têm esse nome não só porque realmente são grandes, em número de linhas e páginas de jornal (...), mas também porque este tipo de reportagem significa um investimento muito grande [...] (KOTSCHO, 2007, PX)

O trabalho não preza somente sobre o aspecto factual do Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes, mas viaja sobre questões históricas, políticas, atuais e de todos os níveis de importância da UNE e de sua ação no território nacional. De tal maneira, o CONUNE não é o único assunto da reportagem, apenas o seu fio condutor e factual. Desdobrando-se a partir daí, o texto caminha pela história da instituição e sua situação atual, seu impacto para a classe estudantil no Brasil, a impressão do público goianiense sobre o evento, a opinião da oposição à atual direção da UNE e vários outros âmbitos. A importância histórica na grande reportagem é expressa por Medina (1978) em *Notícia: Um produto à venda*:

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou exemplificam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes, ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato. (MEDINA, 1978, p. 134)

3.2 Relativa liberdade de texto

Para cumprir seu intento, o texto jornalístico de revista conta com relativa liberdade. A apuração jornalística e os dados recolhidos em campo e em pesquisa podem ser mostrado, por vezes, sob um viés mais literário, com mais artifícios textuais. De acordo com VILAS BOAS (*Estilo Magazine*, 1990, p 60), a reportagem narrativa tem a obrigação de informar do modo mais transparente possível. Entretanto, ser literário significa narrar com efeito, imaginação e beleza. Essa conceituação norteará a elaboração do texto. A produção, portanto, se apropria, em alguns momentos, de técnicas literárias, conferindo uma maior liberdade se comparado a textos mais factuais presentes em outros formatos:

É preciso pensar em termos de uma relativa liberdade de texto. Dentro da linha editorial de uma revista, certas angulações são proibidas. Mas o texto acaba indicando sempre uma tendência geral, que não raro também depende da cabeça de quem escreve. Nesse sentido, a revista de informações se apropria de técnicas literárias, aproximando-se mais da literatura do que qualquer outro meio jornalístico impresso. (VILAS BOAS, 1990, P. 34)

3.3 Orientação Esquerdista

Se fosse possível praticar a objetividade e a neutralidade, a batalha pelas mentes e corações dos leitores ficaria circunscrita à página de editoriais, ou

seja, à página que veicula a opinião dos proprietários de uma determinada publicação. Elmer Davies, falecido editor norte-americano, tinha, inclusive, uma sugestão que é definitiva em termos de culto à objetividade. Ele propunha que os jornais publicassem, na primeira página, o seguinte aviso: “Para a verdade sobre o que você lê abaixo, veja a página editorial”. (ROSSI, 1980, p. 11)

A imparcialidade jornalística é algo que vários veículos e jornalistas pregaram ao longo de séculos, mas é algo impossível de ser alcançado. A partir do momento em que o sujeito que produz a informação é um sujeito pensante, ele está influenciando o produto informativo com suas posições e intenções. De tal forma, é hipócrita e inoportuno afirmar que existe imparcialidade e neutralidade jornalísticas. A maneira mais ética de fazer jornalismo é, portanto, evidenciando a linha editorial do veículo e suas posições políticas, para que o leitor deduz a carga de parcialidade que impregna o texto em questão.

A reportagem deste projeto assume uma linha editorial de esquerda, nos moldes da consagrada *Caros Amigos*. A *Caros* já assume sua linha editorial e posicionamento político com seu slogan “a primeira à esquerda”. Criada por jornalistas como Juca Kfourri, José Trajano, Roberto Freira, Jorge Brolio e Sérgio Pinto de Almeida, a revista nasceu com a ideia de resgatar os textos de qualidade e cultivar aspectos artísticos da forma gráfica da revista. Além disso, a *Caros* assumia e assume um conteúdo mais questionador, crítico e progressista, comprometido com a transformação da sociedade brasileira (verificar sitigrafia). Apesar de priorizar a política, a revista também versa sobre outros assuntos.

A linha editorial da *Caros Amigos* sempre trata, em suas matérias e colunas, sobre os mais variados temas, abordados com total liberdade pelos articulistas, além de longas e esclarecedoras entrevistas [...] A revista conta com profundas reportagens, ensaios sobre questões brasileiras e internacionais, uma página central com instigantes ensaios fotográficos e seções críticas sobre artes, política, comportamento e humor (PEREIRA FILHO, 2004:27).

A grande reportagem do nosso projeto assume essa mesma visão e orientação editorial esquerdista e progressista. Estão implícitos, portanto, o apoio à classe

trabalhadora e estudantil, e às minorias oprimidas. Dessa maneira, assumimos algumas premissas mesmo antes de começar a apurar e escrever o texto:

- Compreensão e reconhecimento da relevância histórica da União Nacional dos Estudantes, entidade historicamente de esquerda;
- Valorização da militância de esquerda em um cenário da política brasileira atual onde há uma ofensiva conservadora de direita no Congresso Nacional;
- Reflexão sobre o comportamento dúbio do governo do PT, que prejudica os direitos dos trabalhadores ao promover, por exemplo, o ajuste fiscal;
- Provocação sobre a influência do PT e dos partidos aliados sobre a UNE, que sofre acusações frequentes de “peleguismo” e governismo;
- Contribuição para um país com menos desigualdade social, concentração de renda e mais oportunidades para todos;
- Combate às opressões aos pobres, negros e minorias;
- Valorização da classe estudantil, que vem sofrendo com os cortes do ajuste fiscal, que prejudica vários programas educacionais, a exemplo do FIES, Prouni e do Ciências Sem Fronteiras;
- Consciência da mudança da atuação política da UNE depois da eleição de Lula (2002), primeira vez em que a entidade se torna aliada do governo, e não oposição.

3.3 Jornalismo Especializado - Política

A Teoria da Cognição sustenta que, para transmitir o conhecimento de algo, é preciso entender esse algo - isto é, contruir um modelo mental dele. Um modelo mental é uma estrutura incompleta, aproximada e referida a um contexto cultural que é o acervo da memória. Isto significa que um repórter de política nacional, por exemplo, não precisa ser um cientista política (e, se for, usará em seu trabalho muito pouco da ciência política que aprendeu), mas deve dispor do máximo de informações sobre a história recente, a organização do Estado e a natureza dos fatos políticos. (LAGE, 2001, p. 111)

A grande reportagem do projeto em questão assume um lugar em uma revista especializada em Política. O jornalismo especializado exige conhecimento extra do jornalista, que não pode se comportar como generalista, devendo dominar com mais competência o campo sobre o qual está falando. Assim, os autores empenharam dedicação extra antes do Congresso em estudar a história da União Nacional dos Estudantes e a conjuntura política atual do país, para compreender o significado do CONUNE no seu tempo e fornecer o melhor relato possível ao leitor.

O domínio do assunto, entretanto, deve ser acompanhado pela exposição clara e didática de conceitos que, porventura, podem ser desconhecidos do público. O jornalismo especializado enfrenta esse desafio através de uma explicação completa de tudo o que está sendo mencionado e utilizado na reportagem. No caso do tema em questão - a Política -, tivemos a preocupação de explicar todas as siglas, fatos históricos envolvendo a União Nacional dos Estudantes e caracterizar com precisão todos os personagens envolvidos na reportagem.

[...] a “necessidade básica” deste jornalismo: a de intermediar tematicamente saberes expertos de uma maneira acessível ao público, buscando não apenas transmití-los, mas também explicá-los (como normatiza a teoria). O que nos ajuda a refletir sobre como isso é feito e sobre quais significados, lacunas e contradições podem emergir deste processo, quando pensando no seu todo. (TAVARES, p. 127)

3.4. A diagramação

A ideia para o planejamento gráfico deste trabalho, assim como sua linha editorial, é parcialmente baseada também na revista *Caros Amigos*. Sendo assim, o objetivo de sua diagramação é priorizar um pouco mais o formato da grande reportagem, colocando o texto e a história em evidência. Até por isso, selecionamos apenas algumas fotografias - entre as centenas que tiramos no evento - para ilustrar o trabalho.

Mesmo usando uma revista específica como base para o nosso planejamento gráfico, optamos por não seguir à risca toda a estrutura gráfica da publicação e sim optar por algo mais experimental. Neste âmbito, as principais diferenças entre o nosso trabalho e a revista *Caros Amigos* são:

- Tamanho da página (27 x 33 cm da *Caros* contra X x X cm do nosso trabalho);
- Publicação inteira impressa em cores. A *Caros* apresenta apenas as quatro primeiras e as quatro últimas páginas coloridas, sendo que seu miolo é preenchido por preto, branco e alguns tons em cinza. Essa modificação visa dar mais importância às fotografias que foram tiradas no CONUNE. Não utilizá-las com cor seria um desperdício de informação visual.;
- Menos utilização de charges e ilustrações, substituídos por fotografias;
- Padrão de três colunas por página.

Para a capa desta Grande Reportagem escolhemos uma ilustração para quebrar um pouco o esquema de “só fotografias” do trabalho em si. Para isso, a designer pegou uma fotografia (anexo) que foi tirada durante o evento e a transformou em uma ilustração para dar um pouco mais de vivacidade à capa do trabalho. Logo depois, utilizamos também uma

Nas matérias que possuem mais texto (a matéria principal e a entrevista principal - Valério Arcary), o ideal seria deixar a página um pouco mais monocromática com alguns detalhes em colorido, igual ocorre nas páginas iniciais da *Caros Amigos*, tudo sem muita extravagância nas paletas. O recheio do produto será, basicamente, fundo branco, fonte preta, alguns poucos detalhes em lilás (um marcador, intertítulo, algo pequeno e simples) e as fotos coloridas.

[...] a monocromia do miolo favorece um conjunto de interpretações para os textos, que, como o próprio projeto editorial explica, não se contentam em apresentar somente o factual, mas sim provocar questionamentos de “um olhar possível sobre o mundo”. (LELO, 2004, P. 11)

A parte com mais elementos gráficos dentro da reportagem é a parte da relação dos movimentos e coletivos do 54º CONUNE. Em duas páginas, a seção é uma espécie de resumo dos coletivos feito pelos seus próprios integrantes. No total são 12 coletivos divididos em quatro frentes: Direção Majoritária (*Abre Alas, Enegrecer, Kizomba e Estopim*), Oposição de Esquerda (*Vamos à Luta, Juntos! e RUA*), Campo Popular (*Levante Popular da Juventude, Reconquistar a UNE e*

Movimento Mudança) e também os independentes (*Mutirão e JPMDDB*). A ideia foi pegar esses doze coletivos e colocá-los em sua respectiva frente, separando as duas páginas em quatro seções (cada seção para uma frente), colocando cada movimento em sua respectiva posição.

Estrutura da Grande Reportagem:

Página 1 – Capa

Páginas 2 e 3 – Apresentação da reportagem

Páginas 4, 5, 6, 7 e 8 – Reportagem principal

Páginas 9 e 10 – Especial dos coletivos

Páginas 11, 12, 13 e 14 – Entrevista Valério Arcary

Página 15 – Perfil

4. DESENVOLVIMENTO, APURAÇÃO E ENTREVISTAS

A grande reportagem em questão é um estudo de campo, segundo as definições de GIL (2002), já que foi necessária a ação em campo - no caso, Goiânia e suas localidades que abrigaram as atividades do CONUNE durante os cinco dias de evento. Antes da ação de campo, entretanto, foi imprescindível a pesquisa bibliográfica acerca do movimento estudantil, da União Nacional dos Estudantes e do fazer jornalístico, especialmente em relação ao gênero e formato de grande reportagem. Partir para o campo sem conhecimento prévio de congressos anteriores e da história da UNE tornaria a apuração descontextualizada.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 1991, P. 48)

Após a pesquisa bibliográfica e estudo prévios, passamos ao trabalho jornalístico de apuração em campo, durante a realização do evento, aplicando conhecimentos acumulados durante a leitura da bibliografia e durante a graduação. No decorrer do evento foi necessário entrevistar os mais diversos tipos de fontes. Desde lideranças da UNE até frequentadores anônimos do evento ou moradores da cidade que estão impressionados com o aglomerado de pessoas. As entrevistas de campo foram planejadas segundo as intenções prévias do projeto: entrevistar pelo menos um integrante (se possível, liderança) de cada uma das correntes políticas jovens presentes no 54º CONUNE, goianienses comuns que estavam presentes no congresso atraídos pela aglomeração, além de figuras de maior relevância, como a presidente e a ex-presidente da instituição, participantes de palestras e políticos. Douglas Belchior e Pablo Capilé são 2 exemplos de figuras que conseguimos entrevistar, mas outras pessoas também importantes se mostraram inacessíveis durante o congresso.

Esse foi o caso da presidenta eleita, Carina Vitral. Tentamos entrevistá-la incessantemente após o congresso, já que no evento ela nos recusou a entrevista, dando-nos o número do seu telefone celular. Nas tentativas pós-congresso, recebemos a confirmação de que ela nos daria entrevista pessoalmente em São Paulo. Logo depois, fomos avisados de que a entrevista só seria possível por e-mail. Enviamos a entrevista (Anexo X) e, mesmo assim, não recebemos resposta. A solução que encontramos foi elaborar um perfil de Carina, já que havíamos planejado um espaço para a entrevista na reportagem.

As lideranças dos movimentos, os estudantes participantes do congresso e os goianienses estavam acessíveis dentro das atividades do congresso. Entrevistamos lideranças e membros de praticamente todos os coletivos presentes no CONUNE e uma série de estudantes e goianienses que participavam do congresso. Todas essas pessoas nos concederam entrevistas ocasionais e imediatas, indispensáveis porque traduzem o clima e as condições do congresso.

De modo geral, o testemunho mais confiável é o mais imediato. Ele se apóia na memória de curto prazo, que é mais fidedigna, embora eventualmente desordenada e confusa; para guardar fatos na +memória de longo prazo, a mente os reescreve como narrativa ou exposição, ganhando em consistência o que perde em exatidão factual. Advogados costumam atuar nessa fase: buscando a versão que mas convém a seus clientes, induzem-nos a omitir certos aspectos da realidade e a ressaltar ou imaginar outros (LAGE, 2001, p. 23)

Outras entrevistas, temáticas, foram realizadas após o evento. São entrevistas com especialistas sobre a UNE ou sobre algum assunto que a ela se refira. São exemplos das entrevistas temáticas que fizemos após o congresso, pessoalmente ou via e-mail/facebook:

Pessoalmente:

- Valério Arcary: Historiador, professor do IFSP, fundador do PSTU, delegado em Congressos da UNE nas décadas de 70 e 80 e crítico da aproximação da UNE com o governo. Entrevistado pela GloboNews (programa Diálogos com

Mário Sérgio Conti) cerca de 1 mês e meio antes da apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Via Facebook/e-mail

- Pedro Rafael Vilela: Secretário Executivo do FNDC (Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação) e palestrante no Congresso (mesa de tema “Regulação, Democracia e Direito Social na Mídia Brasileira”);
- Otávio Luiz Machado: Historiador, sociólogo e pesquisador do movimento estudantil brasileiro. Autor de “O Movimento Estudantil Brasileiro e a Educação Superior”, em parceria com Michel Zaidan Filho;
- Lucas Laux: estudante gaúcho que acusou a UJS-RS (União da Juventude Socialista - Rio Grande do Sul) de aliciamento e fraude durante as eleições do 53º CONUNE;
- Giovani Culau de Oliveira: estudante de Ciências Sociais na UFRGS, militante da UJS e recém-eleito presidente da UNE no estado do Rio Grande do Sul. Acusado por Lucas Laux de tê-lo aliciado a se passar por estudante da UNOPAR - Universidade Norte do Paraná para contar como delegado no congresso e computar mais um voto para a UJS.

Os dois últimos fazem parte de um episódio que nos surpreendeu após o término do CONUNE: uma denúncia de fraude que partiu do estudante gaúcho Lucas Laux, em relação não ao congresso em questão, mas ao congresso anterior (53º CONUNE). A partir dessa denúncia importante, foi necessário abordar os dois lados da questão: o denunciador e o denunciado (Giovani Culau de Oliveira e a UJS). Ambos foram entrevistados. O produto das entrevistas foi colocado na reportagem, visto que a denúncia tem valor-notícia elevado. Contextualizando as entrevistas e esclarecendo os posicionamentos de ambos os lados, é possível fornecer o panorama da situação ao leitor.

A política, assim com o esporte, admite um tipo de cobertura que não se pode chamar simplesmente de noticiosa. Tanto em política quanto em esporte, cada acontecimento pressupõe algo exterior a ele e que lhe dá sentido: a “situação política, a “situação no campeonato e no ranking”. [...]

Com exceção dos resultados eleitorais ou de votações, a reportagem estritamente política baseia-se em entrevistas, com ou sem identificação dos entrevistados. Essas entrevistas tratam de processos políticos em si (denúncias, sempre abundantes e que se amíudam em tempos de crise ou perto de eleições) [...] O nível de análise admitido consiste em contextualizar declarações e os fatos a que se reportam. (LAGE, 2001, p. 23)

5. A REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Utilizando dois modelos de câmeras semi-profissionais - Sony DSC-H200 e Nikon COOLPIX P600 - tentamos fotografar todas as atividades que estavam na programação do CONUNE, desde as mesas até a plenária final. Foram tiradas mais de 400 fotos, sendo que, para ilustrar o trabalho da melhor maneira possível, escolhemos cerca de 30 delas. Ao final deste relatório, nos anexos, ainda contem uma seleção de fotografias que não foram utilizadas neste trabalho.

Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera. Uma imagem fotojornalística, para ter sucesso, geralmente precisa de juntar a força noticiosa à força visual. Só assim consegue, no contexto da imprensa, juntar uma impressão de realidade a uma impressão de verdade. (Vilches, 1987, p. 19)

Além das que foram tiradas *in loco*, também fomos atrás de outras da internet para compor as três últimas matérias da grande reportagem.

6. GLOSSÁRIO DE SIGLAS

ANEL: Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre

CNECO: Comissão Nacional de Eleição, Credenciamento e Organização da
UNE

CONUNE: Congresso Nacional da União Nacional dos Estudantes

CUT: Central Única dos Trabalhadores

DCE: Diretório Central Acadêmico

FIES: Programa de Financiamento Estudantil

MEC: Ministério da Educação

MST: Movimento dos Sem Terra

MTST: Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto

OE: Oposição de Esquerda da UNE

PcdoB: Partido Comunista do Brasil

PDT: Partido Democrático Trabalhista

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PROUNI: Programa Universidade Para Todos

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL: Partido Socialismo e Liberdade

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT: Partido dos Trabalhadores

PUC-GO: Pontifícia Universidade Católica de Goiás

REUNI: Programa do Governo Federal de Apoio a Planos de Reestruturação e
Expansão das Universidades Federais

UBES: União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

UFG: Universidade Federal de Goiás

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro

UJS: União da Juventude Socialista

UNE: União Nacional dos Estudantes

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. Movimento Estudantil e Consciência Social na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

GIL, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1991.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro, Record, 2001

LELO, Thales Vilela. Caros Amigos: conexões entre projeto gráfico e linha editorial, 2012.

MEDINA, Cremilda de Araújo. Notícia: um produto à venda. São Paulo: Alfa Ômega, 1978.

PEREIRA FILHO, F. J. B., Caros amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil. Editora Annablume, 2004.

ROSSI, Clóvis. O que é Jornalismo? Editora Brasiliense, 1980.

SANFELICE, José Luis. Movimento Estudantil: A UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.

SCALZO, Marília. Jornalismo de revista. São Paulo: Contexto, 2004.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Universidade Vale do Rio Sinos, Brasil.

VILAS BOAS, Sergio. O estilo Magazine: O texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

8. SITIIOGRAFIA

<http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/60853/a+grande+reportagem+nao+esta+morrendo+afirma+adriana+carranca>

<http://casperlibero.edu.br/onde-esta-grande-reportagem/>

<http://www.carosamigos.com.br/index.php/fale-conosco/historia>

<http://www.une.org.br/noticias/une-elege-paulista-carina-vitral-sua-nova-presidenta/>

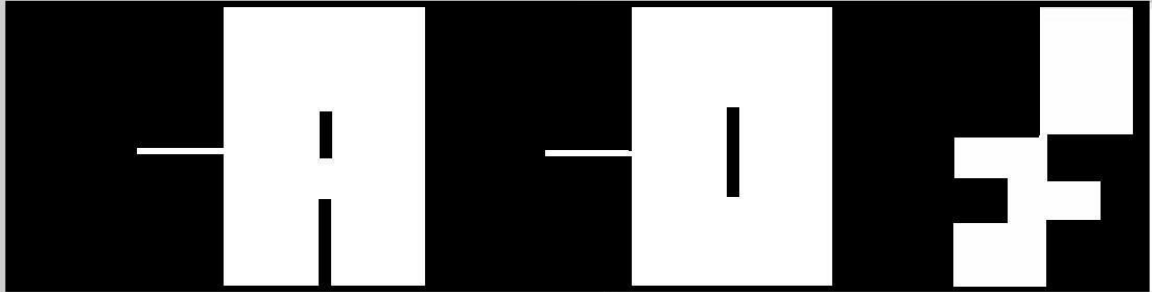
<http://www.une.org.br/noticias/perfil-os-mesmos-sonhos-e-outras-camisetas-quem-e-carina-vitral/>

<http://www.ocafezinho.com/2015/06/08/carina-vitral-e-a-nova-presidente-da-une/>

10. ANEXOS

10.1 – Anexo I (Produto jornalístico feito anteriormente sobre o 52º CONUNE para o CACOFF)

<http://cacoffunesp.blogspot.com/>



Textos: Lucas Cesar e Paulo Pastor - Diagramação: Thiago Teixeira

52º CONUNE

O segundo dia de atividades do 52º Conune (Congresso Nacional da UNE) contou com uma série de grupos de discussões e mesas de debates sobre questões diretamente ligadas ao cotidiano dos estudantes, além de abordar temas mais globais e estratégicos para a sociedade. Entre os assuntos debatidos pelos delegados e observadores do Conune, os que contaram com a maior adesão dos alunos foram as recentes políticas de incentivo aos ensino superior, a expansão das vagas federais e a permanência estudantil.

Apesar do bordão “ensino de qualidade, público e gratuito” ou outras frases similares serem sempre recorrentes, nos cadernos e discursos e tanto nos grupos que compõem a direção da UNE como os da “Oposição de Esquerda”, há uma nítida divergência na avaliação que as correntes

fazem do atual governo e das suas políticas educacionais, bem como quais devem ser as políticas e os próximos desafios da educação nacional. Na sexta-feira também houve a 1ª “Marcha da Maconha” em Goiânia. Este talvez tenha sido a única atividade do Conune onde, tanto o objetivo como a forma de alcançá-lo, conseguiu unir todos os grupos. Durante o ato, os alunos pautaram a necessidade de que seja revisto a forma como se debate o consumo das drogas no país e que, na avaliação deles, é evidente que a política de repressão não tem surtido o efeito esperado. A democratização dos meios de comunicação, a solidariedade internacional, o uso de agrotóxicos, a reforma urbana e o sistema de saúde foram os temas de caráter mais amplo que pautaram os outros espaços de discussão. O novo código florestal, recentemente

aprovado no congresso nacional, foi um dos temas mais polêmicos do dia. O texto, que tem o deputado Aldo Rebelo (PC do B), ex-presidente da UNE, como relator, foi objeto de críticas e insatisfação dos coletivos de oposição. Já os alunos ligados a direção de entidade observam o Código como um avanço para o país. O clima de discussão nos espaços – inflado pelas sempre presentes músicas e hinos de provocação de ambos os lados – alcançou tal ponto que o debate foi inviabilizado e o espaço de discussão encerrado. Um dos espaços com mais alunos presentes foi a mesa sobre as políticas de incentivo e permanência estudantil nas universidades. Ouça no blog as falas, com críticas e elogios, sobre as políticas públicas, e ProUni e REUNI, os dois programas do governo federal que mais acirram os ânimos dos participantes do 52º Conune.

AS CORRENTES

Os painéis a seguir vão apresentar um quadro geral a respeito de algumas das principais correntes que atuam dentro da UNE. Para isto foram feitas as mesmas perguntas para os representantes dos coletivos: “Quais os eixos do seu grupo?”; “Qual avaliação você vê da UNE hoje?”; “E como você vê o futuro da UNE?”

As respostas apresentam uma pequena síntese de como os grupos estudantis enxergam os rumos políticos do Brasil, as diferentes avaliações de quais são os reais desafios dos estudantes, de quais devem ser as prioridades e de qual o papel que a UNE tem desempenhado dentro das universidades e nas lutas dos movimentos sociais.

Não foi possível falar com todos os grupos. As estimativas que existiam mais de 30 grupos ou correntes diferentes participando do 52º Conune. O objetivo deste trabalho é tanto prestar um esclarecimento, como incentivo para que um congresso como este tenha um caráter mais informativos para os alunos.



MOVIMENTO **M**UDANÇA

www.mudanca.org.br

MOVIMENTO MUDANÇA

CAMILDO VANI
OCEANOGRAFIA, UFPR

O principal eixo é a democratização do movimento estudantil, ele deve ser construído pela base, pelos centros e diretórios acadêmicos. Avaliamos que a UNE tem dificuldade de estar presente no dia-a-dia dos estudantes e isso acontece porque a base do movimento estudantil está desorganizada.

A UNE, assim como os movimentos sociais, estão em um descenso devido o conflito ideológico que se criou com a entrada do PT no governo. Pela primeira vez os movimentos sociais tiveram um representante seu e isso fez com que eles não

tivessem uma relação de conflito e sim de diálogo. Os movimentos sociais precisam deixar de ser críticos, mas também ser em propositivos.

A nossa expectativa é que se consiga construir a entidade pela base, caso não a UNE vai se tornar ainda mais esvaziada. Em um congresso de 05 dias, só um é reservado para a discussão. As plenárias finais que mais parecem brigas de torcida que não provocam a síntese e a reflexão dos estudantes presentes. Temos um desafio muito grande, mas isso não vai ser mudado trocando a diretoria, é preciso construir pela base.

MUTIRÃO

Construir a Universidade que o Brasil precisa!

MUTIRÃO

**ANTONIO HENRIQUE
DIREITO NA PUC-SP**

O mutirão é composto por uma série de lideranças de várias Estados. Atualmente o nosso eixo principal é um posicionamento contra os altos índices dos juros e o fato de que o Brasil gastar 48% da verba com o pagamento da dívida pública. Assim sobra pouco dinheiro para as causas sociais. A UNE em cada momento tem uma reação diferente. A Une de hoje não é a mesma da de antes, porque vivemos um momento diferente. Antes lutávamos à favor do impeachment do Collor, na construção de um estado

democrático – no qual ainda vamos avançar mais – na época do FHC contra as privatizações e o sucateamento. Hoje a luta é por mais verbas, exige uma outra estrutura. O congresso reflete muito o que será a UNE. Praticamente todas as correntes políticas do país estão presentes aqui. Apesar das divergências, todos estão com disposição para lutar. Então a UNE vai continuar sendo uma entidade de luta e combativa, mas ela precisa saber pelo que lutar. Na opinião do Mutirão é preciso baixar os juros.



CONTRAPONTO

VIVIAN PETRI
FILOSOFIA / USP

Acreditamos que a UNE precisa ter uma postura mais avançada em relação ao governo, defender um outro projeto de sociedade. Não buscamos só marcar a nossa posição política no Conune, mas alcançar os alunos que não estão cientes do que a direção da UNE defende. O nosso objetivo é demonstrar que o governo Lula não tem sido suficiente, que é preciso fazer mais para defender a educação pública. Os campos que controlam a direção da UNE, estão atreladas ao governo federal e se apoiam nos índices de aprovação do governo, flexibilizam seu programa para atrair mais

pessoas e não faz um enfrentamento real ao governo. Os fóruns e os outros espaços de discussão falham em promover a conscientização e a reflexão de importantes questões sociais como o novo código florestal ou Plano Nacional de Educação. A UNE precisa ser autônoma do governo e dos partidos, ela não pode continuar atrelada a esses interesses. A Oposição de Esquerda tem crescido e conseguido colocar outras posições políticas. No entanto, é preciso que seja feito um esforço maior para que haja mais diálogo e debate dentro da UNE para que se possa construir um projeto unificado.



REBELE-SE

YURI PIRES RODRIGUES
HISTÓRIA, UNIVERSIDADE RURAL DE PERNAMBUCO

Somos à favor da campanha pelos 10% do PIB para a educação, feita pela UNE, porém é preciso que esta campanha defenda, por exemplo, o fim dos leilões do petróleo, fim do pagamento da dívida pública, a qual consome quase metade PIB e também não podemos aceitar o corte de 3 milhões da verba destinada para a educação, que ocorreu no começo de 2011.

A UNE tem um potencial muito grande de mobilização, mas a última gestão tem abdicado deste poder e assumindo o papel de ser uma

porta voz do governo dentro da universidade.

Há um crescimento da Oposição de Esquerda dentro da UNE, isso demonstra que há uma tensão entre as diferentes forças e uma vontade, nas universidades ao redor do país, para que a entidade volte a ser combativa e represente os anseios e desejos dos alunos. Neste próximo semestre, os centros e diretórios acadêmicos ligados ao Rebele-se participarão de manifestações e ocupações dentro das universidades.

PARA TODOS

Construindo um Novo Brasil

PARA TODOS

ANNE KAROLYNE
DIRETORA DE MEIO AMBIENTE DA UNE

A principal bandeira do Para Todos, hoje, é a da reforma política. O coletivo Para Todos trabalha a partir da visão dos estudantes sobre a política, tentando reverter a apatia que a maioria dos jovens tem hoje em relação ao tema.

O nosso foco é a realidade, o dia-a-dia das pessoas. É a mãe que não tem nada para alimentar o filho, o estudante que tem que se locomover de barco para chegar até a escola, e, quando entra na

universidade, não tem como se manter. Não queremos propor uma tese e dar aos estudantes, para que leiam. Queremos construir a tese junto com eles.

A UNE é uma entidade fundamental para a política nacional. Entretanto, o Para Todos tem certas divergências quanto ao modo de condução da UNE e, em relação a isso, vem para dentro discutir e não agindo para fora realizando críticas à entidade, chamando-a de "chapa branca".

Kizomba

Construindo uma nova cultura política

KIZOMBA

LARISSA

ESTUDANTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, PUC-RIO

O Kizomba defende uma palavra de ordem que é a da nova cultura política. A nova cultura política, para nós, é entender e destrinchar questões como ações sociais e o papel da universidade para a população, sempre interagindo com a sociedade. É primordial entender o que é estruturante em uma sociedade capitalista, neoliberal. Entender que preconceitos, tanto em relação aos homossexuais quanto aos negros, são frutos do modelo de política que está sendo imposto. É hora de inserir essas pessoas e fazer com que se tornem agentes da

política, e não somente plateia. A UNE, atualmente, está com uma nova cara, devido às últimas gestões. A entidade hoje apresenta suas raízes combativas – dos tempos de ditadura, de Collor, do "O petróleo é nosso" – e também incorpora aqueles que foram marginalizados pela sociedade, negros, homossexuais, mulheres e outros. A UNE é cada vez mais uma entidade da juventude brasileira, e não só do movimento estudantil. Para os próximos anos, esperamos avançar em relação à bandeira histórica do movimento estudantil, a aprovação dos 10% do PIB para a educação.

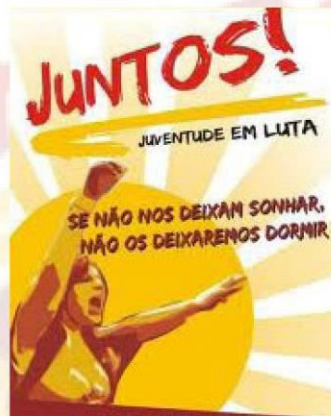


LEVANTE!

ELEN DEL GIUDICE
SERVIÇO SOCIAL, UFF

O Levante! luta por várias bandeiras, como educação pública de qualidade para todos, e o não ao preconceito aos homossexuais, negros e mulheres. Defendemos, de fato, uma reforma forte na sociedade. Não concordamos com o modo pelo qual a UNE está sendo conduzida. A entidade, hoje, não sai propagando sua importância nas universidades, não tem contato com os alunos e não representa os estudantes brasileiros. A UNE está tremendamente influenciada pelo governo e por

partidos políticos. Assim, a entidade não faz luta real. A convivência com a privatização de hospitais universitários é um exemplo. O Levante! e a oposição de esquerda vêm crescendo exponencialmente a cada encontro, a cada Congresso. Nós que fazemos a luta real, que realmente estamos atrás dos interesses da classe estudantil. Para os próximos anos, esperamos que nossa representatividade aumente cada vez mais e possamos avançar.



JUNTOS!

BIANCA CRUZ
CIÊNCIAS SOCIAIS, USP

O "Juntos" é um coletivo que reúne a juventude que propaga o movimento estudantil tanto nas universidades públicas como nas privadas, mas o "Juntos" também reúne os jovens que moram na periferia e dos cursos populares. É, então, um movimento de diversidade, um movimento que nasceu para lutar por um mundo sem opressões. Além disso, nos posicionamos contra a Belo Monte e contra as mudanças no Código Florestal. Atualmente, a UNE é uma entidade que está desatrelada de qualquer luta estudantil. Ela não representa

os estudantes e não representa seu passado de luta intensa. A UNE é, hoje, praticamente um ministério do governo que abaixa a cabeça, colaborando com toda decisão governista sem discutir nas universidades. No mundo, hoje, vemos a juventude se mobilizando na Espanha, na China e na Grécia. No Brasil isso está acontecendo também. Não na intensidade desses países, mas aqui a juventude está começando a se mobilizar, saindo nas ruas. O "Juntos" e a oposição de Esquerda Unificada vão trazer a UNE de volta para os estudantes, de volta para as ruas.

10.2 – Anexo II (Perguntas Feitas para a entrevista com Carina Vitral, presidenta da UNE eleita no congresso em questão)

- Como você avalia o mandato de Vic Barros na presidência da UNE? Mesmo as duas sendo filiadas ao PCdoB e à UJS, o que você espera fazer de diferente em relação a sua antecessora?

- Quais as principais propostas da chapa “O movimento estudantil unificado contra o retrocesso em defesa da democracia e por mais direitos” para o biênio 2013/2015?

- Qual o seu ponto de vista da crítica de que a UNE, de uns tempos para cá, vem se afastando cada vez mais das ruas e dos trabalhadores?

- Nas últimas décadas passadas, a entidade teve papel fundamental em diversas manifestações pelo Brasil, mobilizando milhares de jovens em ocasiões importantes da história política do país. Você ainda acredita que a UNE tem a mesma força de mobilização do passado?

- Como você vê a relação entre a UNE, representada pela UJS/PCdoB, e a base do governo petista nestes últimos anos? Você acha que dá para defender os interesses dos estudantes estando tão atrelado ao governo?

- Como vocês pretendem ajudar a barrar o corte de verbas proposto pelo atual ministro da Fazenda do governo Dilma, Joaquim Levy?

- No último CONUNE, assim como no de 2013, surgiram nas redes sociais algumas denúncias de fraudes na seleção de delegados por parte da UJS. Você acha que esse tipo de acusação mina a credibilidade deste atual sistema eleitoral da entidade?

- Hoje vivemos em um período perigosamente conservador, onde os deputados de direita estão conseguindo emplacar pautas cada vez mais

fundamentalistas dentro da Câmara. Como a UNE se organiza contra essa onda conservadora?

- Dias depois de ser eleita, você foi agredida durante uma manifestação contra a redução da maioria penal na Câmara dos deputados, em Brasília. Podemos dizer que você viveu um pouco da ditadura militar naqueles momentos?

- Depois dos dois próximos anos no comando da UNE, você pretende seguir na carreira política a exemplos de outros ex-presidentes da entidade?

10.3 – Anexo III – Fotografias que não foram utilizadas na grande reportagem (Créditos das fotos: Murilo Tomaz, Marcos Costa e Lucas César Ramos)





















